

NOVOS DESENVOLVIMENOS DA SEMIÓTICA: ASPECTOS DO PENSAMENTO DE ERIC LANDOWSKI

Sandra Regina Ramalho e Oliveira - UDESC

Resumo

Eric Landowski, integrante da *École de France*, coordenada por A. J. Greimas, é um semioticista que, na sua permanente produção intelectual, revê conceitos e métodos, e mesmo o próprio processo de construção do conhecimento na área da semiótica em um livro intitulado *Passions sans nom*, ainda inédito em português. Nele encontram-se proposições que suplantam aquelas que se prestam ao estudo da imagem como texto delimitado e apresenta novos caminhos, que vêm, oportunamente, atender às necessidades dos estudos dos sentidos na arte contemporânea, uma vez que ao invés de imagens bi ou tridimensionais, atualmente temos os acontecimentos como fenômenos artísticos. Para se introduzir na complexidade da edificação teórica de Landowski é necessário mergulhar em textos densos e extensos. Este artigo traz alguns fragmentos das postulações do autor em *Passions sans nom*.

Palavras-chave: semiótica discursiva; semiótica existencial; semiótica das situações.

Abstract

In his book Passions sans nom, which has not yet been translated into Portuguese, the continuous intellectual production of Eric Landowski, a member of A. J. Greimas' École de France, revisits concepts and methods, and even the very process of knowledge creation within semiotics itself. The book contains proposals that supplant those that are appropriate for studying the image as a bounded text, offering new avenues that come at an opportune moment to meet the needs of the study of the senses within contemporary art, since, rather than two or three-dimensional images, we are now presented with events and situations as artistic phenomena. In order to enter the complexity of Landowski's theoretical constructs, one is obliged to wade through lengthy and dense texts. This article presents some fragments from his postulations in Passions sans nom.

Keywords: discursive semiotics; sensible semiotics; existential semiotics; situation semiotics.

Textos e práticas

Ao propor-se a expor os desenvolvimentos da semiótica, para que se possa melhor compreendê-la, Landowski afirma que seria ingênuo fazer apenas um relatório de suas descobertas, mas entender como se movimentou a linha de reflexões na direção de novos fenômenos, objetos ou problemas novos. Esta linha, sinuosa, mostra a potência e a flexibilidade da semiótica, uma teoria vívida, que ao longo de meio século de existência, ocupou-se de três espécies de objetos: dos

discursos enunciados passou a uma semiótica das *situações*, chegando hoje a semiótica que o autor propõe atualmente, chamada, entre outras denominações, de semiótica da *experiência sensível*. Entretanto, sublinha Landowski, não se perderam, ao longo do tempo, malgrado a diversidade e remanejamentos nos métodos de análise, os princípios teóricos fundamentais, entre eles o foco no modo pelo qual discursos, processos, a vida fazem sentido, um chamado olhar semiótico, que se caracteriza como um modo específico de abordar objetos e fenômenos como formas significantes, o que garante a identidade da disciplina.

Landowski (2004) está empenhado em propor uma semiótica renovada, semiótica dos sentidos, ou do sensível, ou das situações, semiótica existencial ou semiótica sem nome. Isto porque ele entende que ainda não encontrou um título adequado, o que poderíamos “traduzir” dizendo que ele ainda não achou um nome suficientemente coerente com os “significados” desta vertente da semiótica discursiva que, sem renegar os pressupostos canônicos, a eles acrescenta novos desenvolvimentos. Entretanto, deixa claro que é uma semiótica que não é neutra, mas leva em conta as emoções, pois se trata de “paixões”. Para tanto, toma, como contraponto, não proposições de outra corrente teórica, mas da própria semiótica, postulações de décadas atrás. Assim, ela transita de um estágio estrutural a uma retomada dos fundamentos fenomenológicos.

O autor nos lembra que durante muito tempo o método, em semiótica, era o da análise de conteúdo, que ele aceita como um instrumental diverso e eficaz. Mas sustenta que o problema está no objeto e não no método, uma vez que, sob a nova visada que percebe e propõe, os conteúdos não emanam dos objetos, como se fosse uma espécie de perfume; e que, nos objetos, o sentido não deve ser decifrado como se fosse um enigma. Isto porque, para ele, o sentido não é dado, não é acabado, como se tivesse contido no objeto; ao contrário, o sentido é um dado manifesto a ser negociado, a ser construído, na relação do enunciatário com o tal objeto.

Então, aponta dois tipos de manifestação: as que têm a aparência de produtos finais, auto-suficientes, como um filme, um quadro, uma carta de amor, uma sopa de cebola ou as ruínas de uma cidade após uma batalha - exemplos que ele apresenta -, manifestações que consistem em totalidades, verbais ou não,

dotadas de sentido, que se apresentam à nossa interpretação como textos autônomos, fechados em si mesmos. Por outro lado, Landowski aponta o segundo tipo de manifestações, as que são dinâmicas, em forma de devir, abertas, que são práticas em processo, que exemplifica com uma greve, uma crise internacional ou mesmo a arrumação da casa onde, ao invés de assumir uma postura de mero observador, o enunciatário assume também o papel de actante, ou um produtor de sentidos, por meio de um olhar comprometido. Neste segundo caso, poderíamos também inserir como exemplo diversas manifestações da arte contemporânea, por analogia: aquelas que não se encerram em um texto, mas se dão, além do espaço, no tempo.

O autor admite que a distinção entre “textos” e “práticas” não é absoluta. E retoma o exemplo da greve para apontar a relatividade dos conceitos. Diz que uma greve é um processo complexo, composto por vários tipos de elementos heterogêneos que fazem sentido, mas não do mesmo modo: as leis, a cobertura da mídia, a opinião pública, a ausência ao trabalho, os piquetes, as passeatas, a posição patronal, e até o tempo que decorre entre cada ato pertinente. São vários textos, mas o movimento grevista, em si, é um processo, uma prática. Assim sendo, para Landowski, estudar semioticamente uma greve como um todo não será analisar um conjunto de textos, mas a organização dos efeitos de sentido do ponto de vista de cada actante em cena, ou das várias práticas em curso, chamando a atenção para o fato de que a leitura independente de cada um dos textos em questão não é adequada, pois cada uma das partes tem seu ponto de vista, embora façam parte de um conjunto.

Assim, o ato de leitura deve ser construído em situação, ou em ato. Sob este ponto de vista, segundo Landowski (2004), há uma distinção entre textos e práticas e ele se lança, então, na tarefa de estabelecer essas diferenças. O autor complementa dizendo que não há inconvenientes em se continuar chamando as manifestações fechadas, terminadas e estáticas de “textos”, pois as “práticas” são processos abertos, em devir.

Em síntese, retomando pressupostos fenomenológicos, Landowski (2004) propõe, para que as grandezas em análise façam sentido, que é necessário “praticá-las” como sujeitos, ao invés de aceitar que essas grandezas possuam significados,

em si mesmas. Se assim fosse, seria possível fazer análises de fora e à distância. Neste ponto, para reforçar sua crítica, ele estabelece uma analogia desta postura com a objetividade do cientificismo cartesiano que, geralmente, retira do contexto o objeto de análise.

Não obstante, Landowski admite que, para um objeto significar qualquer coisa, seja ele texto ou prática, é necessário que apresente em si mesmo um mínimo de traços estruturantes que permitam lê-lo.

Ciência dos sistemas de signos?

De onde vem o sentido dos objetos? Diretamente dos objetos? Ou do sujeito? Ou da relação entre ambos? Estas são as questões colocadas por Landowski para evidenciar que são três as hipóteses que se colocam, na contemporaneidade, sobre a linguagem, ou sobre o estatuto da significação e o sentido mesmo do “sentido”.

A primeira opção, lembra Landowski que se trata de alternativa fundamentada na corrente positivista, consiste no ponto de vista estrutural, mediante o qual o sentido está instalado nas coisas. Assim, para que o mundo faça sentido, é necessário e suficiente que os produtos da cultura e os objetos do mundo natural sejam devidamente codificados.

Uma versão desta abordagem se chama semiologia e se auto-define como a “ciência” dos “sistemas” de “signos”. Landowski (2004) então afirma que a semiótica que ele professa rejeita esta abordagem e, discutindo cada um dos três conceitos implicados e colocados entre aspas, explica os porquês.

Inicialmente, critica a postura dogmática que considera a semiótica uma “ciência”. Antes, postula para a sua produção teórica a condição de “teoria do sentido”, indefinidamente em construção, pois o próprio sentido está sempre em construção, em oposição aos “signos”, tidos como imobilizados, fixos, invariáveis, no contexto dos “códigos”. Assim, o sentido convida a tentativas de modelização, mas exclui a ideia de um saber pronto, acabado.

Ainda segundo o autor, estas questões, de ordem epistemológica, não dispensam o semioticista do devido rigor científico; elas não os impedem de assinar, como outros pesquisadores das ‘ciências sociais’, uma visada científica, a qual pode

ser definida como um esforço de construção conceitual orientada para modelos de compreensão de caráter tão geral quanto possível.

Em segundo lugar, trata-se de assumir uma postura em completa oposição a o que Landowski denomina semiologia. Isto porque outros autores, como R. ODIN (1990), têm outros conceitos para semiologia. Para Landowski (2004), semiologia é considerada a perspectiva atomisante que faz do “signo” seu objeto exclusivo de estudo, pretendendo atingir uma ‘unidade mínima’. Então, contrapõe com a abordagem que chama de semiótica, a qual se desinteressa por essa abordagem, a ponto de obliterar o termo “signo”. A razão é que, sob o ponto de vista do estudo da significação, único nível de análise pertinente, segundo Landowski, é aquele na qual as configurações se apresentam como totalidades de sentido, irreduzíveis a simples justaposições ou combinações de “signos”.

Em terceiro lugar, a problemática semiótica visa a compreensão de processos de produção de sentido e não a descrição de sistemas fechados em si mesmos. Esta última opção completa a oposição entre, de um lado, uma semiologia voltada ao reconhecimento de códigos institucionalizados, encarregados de assegurar a reprodução de esquemas de significação já constituídos e, de outro lado, uma semiótica concebida como teoria dos processos de significação, interessada essencialmente no estudo das condições da criação ou da transformação dos sentidos, pronta para se comprometer com certas formas de participação nas práticas, mesmo nas de produção de sentido.

Não se trata do estudo de signos e símbolos

Landowski (2004) bate-se pela defesa de uma semiótica que se volta à experiência do dia a dia, ou seja, ao cotidiano: a vida, enquanto tal, é tomada como objeto privilegiado de pesquisa. Ou seja, os sujeitos comuns, os acontecimentos banais – ou não – enfim, a vida mesma é tomada como pesquisa de sentido.

Ainda discorrendo a respeito da semiologia que recusa, Landowski volta-se à questão da simbologia, princípio de linguagens hermética, citando a linguagem dos brasões e os sinais de trânsito, pois dependem de um conhecimento prévio, convencionalizado. E a seguir, cita a escola peirceana como tão reducionista quanto os que consideram esses sistemas simbólicos, embora os tenha, aos peirceanos, ou os

estudiosos da “escola semiológica norte-americana herdeira de Peirce”, como mais audazes em suas aplicações, ao considerar o mundo inteiro como campo de sua aplicação. Para estes semiólogos, sempre segundo Landowski (2004), o mundo é uma rede de mensagens constituída de sinais, uns convencionais, forjados pela cultura, e outros naturais, sob a forma de impulsos físico-químicos, eletromagnéticos ou outros, que permite, por exemplo a existência de uma fito-semiótica ou ciência da comunicação aplicada ao reino vegetal, ironiza o autor.

Landowski (2004), também com certo tom de ironia, comenta que por conta de proposições como esta e outras abordagens semiológicas, a semiótica acaba sendo considerada pelos menos avisados como uma espécie de misticismo científico ou uma nova pedra filosofal. E arremata, com certa dose de humildade, também irônica, por certo, dizendo que o objeto de estudo da semiótica é apenas a questão da significação, como se isto não fosse extremamente complexo.

Mais adiante, Landowski, ainda nesta mesma obra, dá seguimento à sua crítica a o que ele denomina semiologia, de raiz norte-americana, que toma como contraponto em relação à semiótica derivada das proposições greimasianas, ponderando que se o sentido é concebido como condicionado e fechado pela existência de “códigos”, é porque são relacionadas unidades de sentido ou unidades do conteúdo - sejam elas produto da cultura ou dadas pela natureza – associando-se tais unidades termo a termo com unidades de expressão igualmente discretas e pontuais. Amplia a reflexão afirmando que, de acordo com a doutrina que ele critica, cada átomo de sentido pode ser considerado um significado desde que possa ser vinculado a um significante encarregado de “denotá-lo”. Ou seja, manifestações pertencentes a determinados “códigos” têm sua significação aquela prevista pelo respectivo código, sobre a qual não cabe dúvidas. Toma como exemplo o rubor do rosto (unidade de expressão), ao qual é atribuído o significado de raiva (unidade de conteúdo), naturalmente, diz ele, ao mesmo tempo, que a luz vermelha do semáforo (unidade de expressão) significa, convencionalmente, parar (unidade de conteúdo), ambas as operações unívocas e explícitas. Trata-se, então, de descobrir conteúdos semânticos atrás das respectivas manifestações, associando-os a unidades de expressão cuja única função é a de significar, o que só pode se dar a partir da identificação de significações já repertoriadas, já categorizadas, classificadas, o que consiste, em última análise, em uma codificação.

Isolamento do objeto científico x o signo isolado

De acordo com Landowski, sempre na mesma obra, essa semiótica – que chama de semiologia - estuda os artefatos de modo isolado, isto é, separados da vida. O autor critica os processos científicos que, em nome das exigências epistemológicas e metodológicas, isolam o objeto de estudo das condições nas quais ele se dá, ou do contexto dos fenômenos onde se insere, extraindo-o da experiência vivida ou, dito de outro modo, simplesmente, excluindo-o. Excluindo-o de vivências que incluem categorias de diversas ordens, para lá das delimitações claras e dos problemas precisos. Isto porque, ver-se-á em seguida, Landowski entende que a construção do conhecimento extrapola a racionalidade. Assim, ele critica os estritos e austeros limites da cientificidade, ao discorrer sobre as imposições do método científico e das metodologias. Em um tom de denúncia, diz que pesquisar, analisar ou fazer ciência é renunciar àquilo que aprendemos pela experiência vivida.

Daí sua relevância e consistência: a introdução de “Paixões sem nome” (2004) apresenta um potencial para situar, no presente e no universo da significância, *hic et nunc*, semioticistas de diferentes “credos” e épocas ou, até mesmo, *les novices*, como diz o autor na sua língua *mater*, podendo ser considerada um compêndio, o qual pode ajudar se situar – ou rever posições - tanto as pessoas que têm conhecimentos de outras bases teóricas quanto os iniciantes em semiótica.

Como pode ser observado, tal publicação, “Paixões sem nome” consiste em um posicionamento crítico sobre a própria disciplina, a semiótica, que traz implícita a proposta de extensão da noção de significado. Para tanto, Landowski revisa diversos aspectos sobre os quais vinha se fundamentando a teoria semiótica, especialmente a semiótica considerada como clássica. Já na introdução do livro em questão, seu autor, além de considerar como imobilizada a semiótica francesa de há 50 anos atrás, rememora as preocupações da semiótica nos anos 60, quando foi necessário um modelo de análise simplificado, com características operatórias, para assentar os fundamentos conceituais e atuar como instrumento para a leitura. Alude a esta circunstância de época para contrapor-se a certas premissas que hoje vêm sendo propostas. Mas ele não renega aquele período histórico, baseado em modelos; ele o registra e justifica, uma vez que consiste em etapa constituinte dos

desenvolvimentos da complexidade dos estudos semióticos. Então, fica subjacente que hoje, graças justamente às pesquisas a partir daquelas bases ancestrais, é possível ultrapassar as premissas anteriores, caminho sinalizado por Algirdas Julian Greimas, no seu livro “Da Imperfeição”, datado de 1987.

Filhos da Imperfeição

Até então, mais recentemente, em termos cronológicos, a semiótica analisava “significações articuladas, consideradas como da ordem do inteligível e do cognitivo” (LANDOWSKI, 2004, p. 5). Em outras palavras, os discursos eram explicados como fazendo sentido nas buscas de objetos de valor, na circulação de um objeto entre sujeitos – ou, em outras palavras, na conjunção e na disjunção com objetos de valor. Diferentemente, na nova proposição, é privilegiado “um sentido que será da ordem do sensível e do afetivo” (LANDOWSKI, 2004, p. 5).

Assim, Landowski vislumbra duas semióticas distintas e até duas escolas rivais, como ele mesmo afirma, as quais podem tanto se ignorar mutuamente quanto entrar em conflito direto:

de um lado temos os especialistas do discursivo, do cognitivo, do racional, do articulado, do categórico, do “*formalisável*” (e hoje, do tensivo); e de outro lado, os amantes do pré-discursivo, do sensitivo, do afetivo, do amorfo, do estésico, do impressivo (e, como se verá, do contagioso) (...).(LANDOWSKI, 2004, p. 5, trad. nossa).

Para ampliar esta questão, acrescentando algumas ideias do autor que possam especificar um pouco mais essa visão de uma semiótica renovada, uma teoria da práxis em ato, que gradativamente substitui a teoria denominada por Landowski como a da ação “no papel”. Trata-se da reinterpretação de um quadro semiótico que pode ser denominado de estético, que vai se transformado em estésico, por meio de estudos que possam parecer, *a priori*, heterogêneos, um conjunto eclético, assimétrico, irregular. Entretanto, isto se dá apenas em relação aos temas – percepção, presença, gosto, contágio, corpo – pois todos são desenvolvidos a partir de uma base comum, ou uma mesma raiz, a da estesia, o mesmo conceito formulado por Greimas em “Da Imperfeição”, retomado e exaustivamente examinado por Landowski.

De acordo com Landowski, ainda no livro publicado na França em 2004, inédito em português, duas grandes linhas se desenham a partir de “Da Imperfeição”, uma direcionada à análise da experiência estética e a segunda voltada para uma melhor compreensão do nosso próprio “estar no mundo”, considerando este mundo – e mesmo o nosso estar, sempre em relação - como um universo significativo.

Por consequência, tais postulações não foram suficientemente exploradas pelo mestre lituano, sendo que Landowski, seu colaborador, especialmente na publicação *Análise Semiótica de um Discurso Jurídico*, de 1971, reeditado sob o título de *Semiótica e Ciências Sociais*, em 1976, entre outros trabalhos, tomou para si a tarefa de desenvolver o que apenas havia sido apontado, inicialmente, por Greimas, em “Da Imperfeição” (1987).

Não obstante hoje serem consideradas, não apenas por Landowski, como um prenúncio de futuro, em sua época, as últimas proposições de Greimas, referidas na publicação *De l’Imperfection*, não vieram à luz de um momento para o outro. Segundo Landowski, sempre em “Passions sans nom” (2004), estas postulações são resultado de um longo percurso que se deu durante cerca de vinte anos, protagonizado não apenas por Greimas, mas igualmente por seus colaboradores, membros de uma equipe que se reunia em seminários semanais na *École des Hautes Études*, em Paris, dos quais o próprio Landowski fazia parte. Segundo ele, três obras de Greimas foram fundamentais na edificação dessa trajetória teórico-conceitual-metodológica dessa semiótica contemporânea sem nome: além daquela obra considerada inaugural, intitulada “Semântica Estrutural” (1966, reeditada em 2002), há que se dar a devida importância para “Do Sentido” (“*Du Sens*, I” – de 1970; e “*Du Sens* II” – de 1986) e, igualmente, completando a trilogia fundante de Greimas, conforme Landowski, cumpre direcionar atenções para “*Maupassant – a semiótica do texto*” (1976).

Todavia, quando da publicação de “Da Imperfeição”, um pequeno livro, ele não foi bem recebido, como nos conta Landowski (2004), principalmente na própria França: uns o consideraram muito literário – e convenhamos, um leitor desavisado pode considerá-lo enquanto tal – mas, o pior, outros o tomaram como uma renúncia às exigências de uma semiótica rigorosa.

Fiel ao Greimas de “Da Imperfeição”, nos desenvolvimentos dos princípios levados adiante por Landowski, o conceito de *estesia* é fundamental. Uma oposição semântica de base, estética x estesia? Se relacionarmos estesia ao sensível e estética ao inteligível, podemos ouvir o que nos diz Landowski (2004, p. 5): “o sensível não deve jamais ser considerado como oposição ao inteligível”. Nem mesmo como seu contrário, complementa. E vai ainda mais além, afirmando que o verdadeiro desafio da semiótica atual é ultrapassar esta dualidade.

Semiótica do sensível e Fenomenologia

Por coerência, sem excluir os desenvolvimentos anteriores, o autor apresenta a ideia central das proposições que vêm postulando em anos de uma fértil produção intelectual: o reencontro das dimensões perdidas do sentido, aquelas que se dão em ato, nas práticas, em movimento, portanto; e que dependem da presença, interação; de experimentar, de provar, enfim, de vivenciar, o outro, qualquer matéria sensível ou, porque não, o texto. Mas trata-se, antes, de extrapolar a circunscrição do texto *tout seul*, apropriando-se dos seus entornos, do seu(s) contexto(s) e de suas múltiplas “fábricas” de sentidos correlacionadas.

Fica evidente uma aproximação maior com a fenomenologia e Landowski registra esta questão de fundo, lembrando que se trata de uma retomada, ou uma volta às origens, pois sua visão “tira deliberadamente partido do retorno em direção às fontes fenomenológicas dos primeiros anos” (LANDOWSKI, 2004, p. 4). E explica que antes de se desenvolver, nas décadas de 70 e 80 como uma *gramática do discurso*, a semiótica foi constituída por reflexões de raízes fenomenológicas, considerando nossa percepção do mundo como o *locus* da emergência da significação, consistindo em uma reintrodução ou recuperação do sujeito no estudo da significação. Deste modo, a experiência é considerada como o acontecimento privilegiado, uma vez que é compreendido como o momento mesmo no qual os sentidos emergem.

O fato é que Greimas tão somente retornava, por meio dessas ideias, às origens da fenomenologia: a experiência é considerada como o momento da emergência do sentido. De outro modo, pode ser a experiência entendida como detentora “de um sentido procedente diretamente de nosso encontro com as

qualidades sensíveis imanentes das coisas presentes”, conforme Landowski, ainda na mesma obra. Ou seja, a consideração do fenômeno em ato e num *continuum*, entre parênteses, talvez, para efeitos de pesquisa é, senão oposto, ao menos uma condição muito diferente daquela excludente, de se isolar o fenômenos para melhor apreciá-lo, como um fenômeno estranho ao cotidiano; ao contrário, Landowski propõe que, inversamente, os fenômenos de sentido situam-se e nos situam no mundo, significando, significados por nós, os sujeitos, em um mundo de sentidos múltiplos.

Isto posto, pode-se também experimentar, provar, para usar termos de Landowski, outras de suas proposições anteriores. Em *Sociedade Refletida*, publicado em português em 1992, o autor trabalha com a “descrição das condições de emergência do sentido nos diversos tipos de interação” (2004, p. 4-5). Mais tarde, em *Presenças do Outro*, também traduzido e publicado em português, em 2002, Landowski acredita dar o primeiro passo na direção de uma semiótica que procura adotar “tanto o quanto possível o ponto de vista dos sujeitos implicados nas experiências vividas tomadas como objeto de estudo” (2004, p. 5).

Em “Paixões sem nome”, na continuidade de sua edificação teórica, Landowski apresenta o propósito de mais este esforço (2004, p. 5):

a ambição do presente trabalho é a de ultrapassar um passo a mais na mesma direção, a de propor uma conceituação do tipo interativo que permita descrever semioticamente, de modo que o componente *sensível* – estésico - intervenha na apreensão do sentido *ao vivo*, ou seja, em ato e em situação (trad. nossa).

E segue o autor explanando que a dimensão estésica de sua relação com o mundo através do qual nos é dado experimentar o sentido, no modo da presença.

Nesse “ambiente” de interação surge a possibilidade de se restaurar a existência e a “significância” de incontáveis paixões, sentimentos e emoções prazerosas ou não, nascidas no contato com as coisas mais simples do cotidiano, e por isto tão frágeis e sem importância, que resultou acabarem ficando sem nome; daí o título do livro, “Paixões sem nome”.

Usar e praticar

Outro aspecto importante a ser aprofundado um pouco mais, ainda que não se possa esgotar, a qual consiste em parte integrante do arcabouço mais recente da produção intelectual de Landowski, é a diferenciação que ele faz entre uso e prática, ou entre usar e praticar, o que é necessário para uma melhor compreensão do pensamento do autor, quando ele fala das práticas sociais. Já está claro, ao longo deste texto, o caráter processual das práticas. Isto fica mais evidente ao se contrapor prática a texto: práticas se dão no tempo e no espaço e texto, apenas no espaço.

Todavia, não basta um evento se dar no tempo para se caracterizar como uma prática, no sentido que postula Landowski, ainda na obra de 2004, “Passions sans nom”. Para ele, por exemplo, pode-se “praticar” um objeto. E exemplifica com o uso de um carro: pode-se usá-lo ou praticá-lo, basicamente, relacionando-se com ele como um objeto meramente utilitário, no primeiro caso e, no segundo, trata-se de imprimir à relação investimentos difíceis de qualificar que não seja pela denominação de relações sensíveis. São relações equivalentes àquelas de um músico diante de uma partitura, usando aqui também exemplos do autor; ou de uma dança, onde os pares buscam se ajustar. Aqui, Landowski introduz, ou resgata, uma dimensão de valores que se perdeu com o tempo, no campo da semiótica, ampliando, nesse tipo de interação, as possibilidades de atribuição de sentidos. Praticando pessoas ou objetos, suas potencialidades serão postas em questão, “dando voz”, com ou sem aspas, ao interlocutor, em última instância, estimulando-o a se exprimir. Ou seja, mesmo que se relacionando com o objeto colocando em jogo uma apropriação de ordem utilitária, inerente ao “uso”, o *utente*, ou usuário (do original *usager*, em francês) também pode fazer uma apropriação de ordem “prática”, transformando-o em objeto semiótico.

Rumo a uma semiótica existencial

Landowski fala de uma sociosemiótica do sensível, e termina o livro “Paixões sem nome” mostrando a necessidade de uma *gramática do sensível*, embora confesse não estar seguro de que esta seria a melhor denominação para tal; trata-se, segundo ele, de dar conta desses modos de construção de sentido que contemplem a dimensão estética (...)” (2004). Sua insatisfação semântica repete-se no último sub-título do livro de “Rumo a uma semiótica existencial”, já que a palavra

existencial se apresenta entre parênteses. Termina dizendo que felizmente os rótulos - aqui, o nome com o qual seria batizada esta semiótica e esta gramática – não são o que mais conta. Mas, quando conceitua, fala de uma *semiótica existencial*, a ser desenvolvida no futuro,

uma semiótica que saberá se mostrar atenta tanto às configurações dinâmicas que articulam para nós a matéria das coisas quanto aos regimes de contato que nos entretêm com suas configurações, uma vez que são duas faces de um só e mesmo processo do qual depende a emergência e apreensão dos efeitos de sentido experimentados na presença do outro, pelos sujeitos em situação que somos nós (LANDOWSKI, 2004, p. 305, trad. nossa)

Voltando à introdução, o pensador a conclui lembrando os debates teóricos e mesmo as resistências enfrentadas no meio acadêmico, os quais considera, sempre, estimulantes. Retoma, igualmente, um antigo questionamento sobre a condição da semiótica como ciência, neste caso, a sociossemiótica, por meio da busca de respostas para um conjunto de questões articuladas, as quais já haviam sido apresentadas, entre outros, por Anne Hénault (2006), ainda que não exatamente nos mesmos termos. Diz a autora que

a caracterização de um teoria científica (...) comporta a representação de três elementos: um espaço de estado que especifica o tipo sistemas aos quais a teoria se aplica; um conjunto de enunciados elementares que incidem sobre grandezas variáveis; uma função de satisfação que represente o vínculo que a teoria estabelece entre seus modelos matemáticos e os resultados experimentais empíricos (2006, p. 58).

Ou seja, um elemento da ordem do objeto, outro da ordem da base teórica e o terceiro, do método.

Tal questionamento recorrente, que pergunta se a semiótica apresenta esse conjunto de condições, necessárias para que se pudesse considerá-la constituída como uma ciência, quais sejam, objeto de estudo definido, metodologia própria e base teórica comum, também está instalado nas inquietações de Landowski, que afirma que ele mesmo se interroga com frequência sobre o estatuto científico das pesquisas sociossemióticas, pensando: se ela, a sociossemiótica, tem mesmo um objeto de estudo; se tem um espaço para pesquisa, que pode ser interpretado tanto como um espaço mesmo, físico, para pesquisa de campo, como pode ser entendido como um espaço acadêmico, um flanco aberto para iniciantes; terceiro, questiona o autor se existem métodos próprios, que distingam a sociossemiótica da semiótica propriamente dita. E é ele mesmo que responde:

ao contrário, o edifício teórico que nós nos esforçamos para construir se torna, ao menos esperamos, que seja parte integrante da *semiótica geral*. Nós diríamos mesmo, se a modéstia não nos obriga a alguma reserva, que este trabalho é semiótica mesmo, sem prefixo nem adjetivo, tal como nos parece atualmente possível desenvolvê-la (...): uma semiótica sem nome (LANDOWSKI, 2004, p.11, trad. nossa)

Malgrado as imprecisões terminológicas, que se pode mesmo atribuir à natureza do discurso verbal, também sublinhado por Landowski (2004, p. 3) na introdução como o único a “fornecer os meios metalinguísticos necessários por dar conta (bem ou mal) das outras semióticas”, o fato é que uma semiótica denominada “existencial”, ou do sensível, das situações ou até mesmo uma semiótica sem nome, ao possibilitar a superação do texto como unidade de análise, permite ao estudioso o acesso às práticas sociais no sentido amplo e, no caso particular das nossas preocupações, àquelas do campo da arte, dadas as características – que não podem ser consideradas como tipologia - da arte contemporânea. Especificando melhor o campo do nosso interesse, se de um lado a semiótica textual tem prestado relevantes serviços aos processos de alfabetização visual nas escolas, processo que temos chamado de “imagemização”, de outro sua potência se restringe às imagens fixas, circunscritas aos seus limites físicos, talvez, “inanimadas”, resultando que os modelos textuais acabem sendo insuficientes para dar conta, entre outros aspectos, da dinamicidade, da interatividade e do inesperado, presentes – aqui a escolha semântica é proposital – na arte contemporânea, *locus* das situações, das práticas, dos atos.

REFERÊNCIAS

GREIMAS, Algirdas Julien. *Du Sens I*. Paris: Le Seuil, 1970.

_____. *Du Sens II*. Paris: Le Seuil, 1983.

_____ & LANDOWSKI, Eric. “Analyse sémiotique d’un discours juridique”. *Documents et prepublications*. Urbino: 1971 (reeditado em GREIMAS, A. J. *Sémiotique et sciences sociales*. Paris: Le Seuil, 1976).

_____. *Semântica Estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1976.

_____. *Maupassant*. Paris: Le Seuil, 1976.

_____. *Da Imperfeição*. São Paulo: Hackers Editores, 2002.

HÁNAULT, Anne. *História Concisa da Semiótica*. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.

LANDOWSKI, Eric. “Aquém ou além das estratégias – a presença contagiosa”. *Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sóciosemióticas* – 3. São Paulo, Edições CPS, 2005.

_____. *A Sociedade Refletida*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

_____. *Passions sans nom*. Paris: PUF, 2004.

_____. *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ODIN, R. *Cinéma et Production de Sens*. Paris: Armand Colin, 1990.

Sandra Regina Ramalho e Oliveira

Professora e Pesquisadora da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, fez estágio pós-doutoral na França. Autora de *Imagem também se lê* (2009, 2. ed), *Moda também é texto* (2007), *Sentidos à mesa* (2010) e *Diante de uma imagem* (2010), organizou, com Sandra Makowiecky, *Ensaio em torno da Arte* (2008) e dois títulos sobre a ANPAP, entidade da qual foi Presidente (2007-2008).